



O PREGÃO

DE

S. NICOLAU

BANDO ESCOLÁSTICO

Recitado nas ruas e praças de Guimarães,
pelo aluno:

JOSÉ MANUEL MENDES FERREIRA

e pelo autor dedicado a quantos "Ainda trazem
prende seu ouvido de quanto por cumprir
foi prometido"...

O AUTOR

Malta! Silêncio aí que neste dia
Minerva, a Deusa, vem dizer à gente
Que todo o triste afogue em alegria
Esta lusa tristeza permanente:
E Nicolau - o santo clemente
Convoca o Sampaio, a Sor'Aninhas
Para a Festa que feita no presente
Traz do Passado as auras comezinhas!

Lembraí que a nossa Festa centenária
Teve Sampaio, Caldas e Martins
Uma vivência certa e sempre vária
Um Mota Prego, um Passos e afins
Que a Parca vil da vida já colheu
Mas são de nossa Festa os delfins:
Os nossos emissários lá no céu
Vivendo esta alegria em santos fins!



Corre de vento em popa nosso Ensino
Que por fechado exige que se abra
Na inversa proporção do pequenino
Ministro que do dito é o Seabra!
Oh! Como é cruel nosso destino
A vida negra, estúpida e tão cabra:
Estudante português morre menino
De morte natural, de si macabra...

Depois de convidados p'ra doutores
Soldados, camponeses, marinheiros
Acabam diplomados varredores
De casas, ruas, praças e terreiros!
E por grande visão surrealista
Do que será o nosso Portugal
Forma-se bacharel um jornalista
E mal formado... fecha-se o jornal!

Dos livros continua a fantochada
Pois deve ser negócio muito bom
Tanta ciência assim empapelada
De tanto autor, em tanta profusão.
Tanta reforma assim, mas para nada
Tanta bagunça, tanta alteração
Transforma a vida à nossa estudantada
E deixa os pais exangues, sem tostão!

Zabumba aí, a maçaneta erguida
Gesto viril à pele retezada
Que tesos vão assim seguindo a vida
Como se fora só viver! Mais nada
Se pede à Mocidade que nós somos:
Lentes de tudo o mais, nunca sabida
A Ciência que pesa em nossos tomos
E de nossas cabeças perseguida...

De ministros formados no estrangeiro
Ou vindo lá de fora em correria
Vai um governo feito por inteiro
Como nem o Diabo o formaria:
E por tanto saber o Zé Lampeiro
Que muitos julgam ser o Zé Nabiça
Já sonha transformar o mealheiro
Numa conta secreta na Suiça!

E de tanto sonhar terá razão
Pois nossa economia vai tão manca
Que o escudo de agora é um tostão
E nem pesada usura salva a banca
Pois para aumentar a confusão
Que tão dura na vida se atravanca
Morre do português a ilusão
Dum futuro melhor em Dona Branca...



Anda por'i Ernâni numa fona
Para tapar buracos de orçamento
Enquanto o Lopes ganha a maratona
E "mama" churrascadas em S. Bento!
Que o Mário nunca falta ao prometido
É tão sabida e mágica verdade
Que até do vitelo ali comido
Se ignora a real paternidade...

Eanes que no cargo vai sabido
Um Presidente mais que bestial
Acena longe a esp'rança dum partido
Que satisfaça o nosso maralhal...
Mas se a hora é chegada vai embora
À força da letal Constituição
Deixando no lugar aye canora
Ou melro bem pior para a função!

À puridade vos direi aqui
Para alegrar de pronto o nosso Zé
Que Miterrand — o sempre "mon ami"
Nos abre em porta grande a CEE!
Com grande estardalhaço e tal banzé
Entraremos na porta escancarada
Que em troca de pitadas de rapé
Venceremos a Europa à tomatada...

Caíram uns suecos na esparrela
De virem ao Algarve tomar ares
Mas andava por lá a salmonela
Segundo cauto aviso de Tavares:
Que venham para o ano até Vizela
Onde um triste na morte vai de velho
E mosquitos só mandam picadela
Se Pereira ali negar concelho!



Nosso Tórinha em campo se apresenta
Sem alarde de grandes ambições:
São novatos os homens de Pimenta
Mas de golos perdidos são milhões...
Nenhum frente à baliza se apresenta
Pois no estádio faltam condições
E a massa associada não esquenta
Por ver pernas assim nos seus calções!

Deus pare do Vizela o desacato
De tal fraqueza assim aproveitar
Que bem pode ganhar o campeonato
Outro clube que pior jogar
Pois o que mais importa é a história
E se a sorte de golos for avara
Recordemos ao menos do Vitória
Os potentes remates do Caiçara!...



O Povo anda um tanto amofinado
Sem mais bruxa capaz de ler a sina
Do portuga que jaz mal empregado
Em empresas à porta da ruína.
Pois como irá viver esse coitado
A que triste futuro se destina
Se quando pede aumento de ordenado
Recebe aumentos, sim, na gasolina?

Que sábios vão aí na Economia
A prometer o que não podem dar
Esquecendo que o pão de cada dia
Se ganha duramente a trabalhar?
E onde são do Povo os deputados
Que reparem nos campos por lavrar
Na penúria senil dos reformados
Na miséria que estão a fomentar?

Empresas a falir, há aos montões
E mil programas p'ras recuperar
Pois se a TAP vender uns aviões
Ainda fica com asas p'ra voar...
Que importa se nos chamam mandriões
Por não termos aonde trabalhar?
Se querem que cocemos os calções
Que outra coisa iremos nós coçar?

Mas alto aí! Abaixo o desespero!
Há ainda nesta vida coisa boa:
Eanes temos rijo como um pero
E Soares às vezes em Lisboa...
Os deputados fumam em S. Bento
Há futebol, há judo e há ballet
Há Banco Mundial e de Fomento
Com mil maneiras de ajudar o Zé!

Aqui faz Nicolau requerimento
Na vontade do Povo cimentado:
Que seja reduzido o Parlamento
E por cada partido um deputado
Será mais que bastante no momento
Em que todos mais julgam ser azado
Reduzir as presenças em S. Bento
Na inversa proporção do ordenado!

Que cessem as beneses disputadas
De quantos em Lisboa mandriões
Ignoram as massas só chamadas
A dar o voto seu nas eleições...
Que nada se produz nas Embaixadas
Durante as tão faustosas recepções
Que ficam na história das "mamadas"
Provando a competência dos mamões!



Que lindas coisas vão pela Cidade
Cujo progresso agora é permanente:
Tudo se faz tão bem que na verdade
A vida cidadina é transparente!
Basta ver reunida a edilidade
Sentir como se dá aquela gente
P'ra nomear, e com velocidade
Um quinto secretário ao Presidente!

Vamos ter no futuro só farturas
Quando a Câmara comprar tudo ao Jordão
E pudermos contar, mesmo às escuras
Dos lucros da corrente o dinheirão:
Acabam-se da luz nossas agruras
Pois logo após tal estruturação
Os coelhos da Penha em suas luras
De corrente barata gozarão...

Agora na cidade é bestial
O prazer acrescido à condução:
Quem outrora virava no Tournal
Vai dar a volta grande à Estação!
Ficou o centro assim aliviado
Do movimento, às ordens de Ferreira
Que o faz circular engarrafado
Pois a cidade toda é garrafeira!

Pois sorte temos nós, tanta ventura
De vermos já passar junto à Pousada
A tão famosa via de cintura
Há mais de trinta anos desenhada!
Bem decerto que antes da abertura
A fradescos turistas, do convento
Já estaremos nós na sepultura
Sem toparmos da dita o movimento...

Andamos no progresso de mãos dadas
Sempre na crista da evolução:
Com asfalto pretinho nas estradas
É um prazer agora a condução!
Nas ruas da cidade é que ele falha
Pois se o condutor grita um hossana
As trinta vozes juntas da Muralha
Querem calceta antiga e à romana...

Vivemos do progresso um tempo d'ouro
E se de carnes a vida vai rafada
Fechamos desde já o matadouro
Que agora não serve para nada...
Não se esqueçam aqui das ratazanas
Que infestam o velho casarão:
Levem tudo daqui, grandes sacanas
Levem tudo do Berço da Nação!

Dividam o concelho a bel prazer
Que são demais as nossas freguesias;
Ponham por cá trabalho p'ra fazer
Cobrem impostos, inventem mais guias,
Reduzam o combóio a carruagem
Desenhem noutro lado as rodovias:
"É fartar, é fartar, ó vilanagem"
Façam-nos mais sofrer, mais tropelias!

Façam-nos só promessas fantasistas
Esqueçam de uma vez nossa cidade:
Mudem a Região e os turistas
E inventem requintes de maldade!
Ó políticos verbais e terroristas
Carrascos do trabalho e da verdade:
Não levareis aos vossos penhoristas
Nosso Querer e Força de Vontade!

Meninas, vinde cá, ireis ouvir
Da moda de Paris a nova Lei:
Os decotes este ano vão subir
Enquanto as saias presto descerei!
Perna roliça ficará escondida
De ar virtuoso o coleante andar;
Aos amantes da saia mais subida
O esforço de o nú imaginar...

Vossa beleza irá gastar mais pano
Custará um vestido um dinheirão
E nós faremos o esforço arcano
De evitar perder o coração...
Mas cuidado porém, que o linguado
É peixe muito fino p'ra dieta:
Deixai que passe fome o namorado
Deixai que morra o triste na valeta!

Vinde todas a nós! Que o nicolino
Traz sempre em si o fogo da Ilusão
E tem um paladar muito mais fino
Se cozinhado ao fogo da Paixão...
Aceitai sorridentes a maçã
Que vos oferece a nicolina lança
E tereis garantido desde já
Um novo amor em nova confiança!

Amor à moda antiga! Que tormento
Destruidor a nossa alma arrasa!
Garantimos-te já o casamento
Desde que arranjes vaga uma só casa...
E tu que tens de Vénus doces prendas
Cuja beleza em ti não se desfaza
Fica a saber que eu não tenho rendas
E quem rendas não tem... também não casa!

Casar ou não casar, eis a questão
Que ponho aqui ao teu discernimento:
Casar não é mais coisa de paixão
Mas antes um pesado investimento!
E agora que foi presa a Dona Branca
Que de trinta milhões fez testamento
Tu pensa duma vez e sê-me franca:
Como vamos falar de casamento?



Afinfa aí, zabumbas infernais
Buscai na Tradição a força bruta
Pois da maneira vil que zabumbais
Só por favor o Povo vos escuta...
E vede lá ao menos se treinais
Um alçar firme e certo da baqueta
E se essas peles rijas rebentais
Sem pedir do futrica a vil muleta!

Pois que se ouçam certas essas caixas
Numa orquestra feroz mas acertada
Que a nicolina malta sofre baixas
Mas o Povo não deve dar por nada...
Vamos o velho burgo percorrer
Aos pontos a que manda a Tradição
O Povo à nossa Festa converter
Neste riso amarelo do Pregão!

Que os velhos que nos ouvem e critiquem
A nossa forma nova de tocar
De saudades e raiva mortos fiquem
Pois fazemos a Festa p'ra lhes dar...
E se o Pregão vai longo e de má rima
Medonho no tamanho, o verso reles
É porque o Santo esquece lá de cima
As fadigas da cuca do Meireles!

E tu, que atraz do bombo te aninhas
Pequeno o corpo, a alma de gigante
Recorda a velha amada, a S'or Aninhas
— A nicolina Mãe do Estudante —
Põe no rijo bater um tal furor
Que em resgate da Morte os alevante!
Ó malta nicolina, por favor
Arruma aí um toque galopante!

A. Meireles Graça

Facit - Out. 1 84

Festas Nicolinas

Guimarães